

Maria do Céu Roldão

CEDH, Centro de Estudos para o Desenvolvimento Humano

Universidade Católica Portuguesa

TRABALHO COLABORATIVO - UM BOM PRINCÍPIO? OU UMA OUTRA LÓGICA DE TRABALHO?

O trabalho colaborativo faz parte daquelas numerosas e ricas expressões do discurso pedagógico e investigativo (diferenciação, aprendizagem ativa, prática reflexiva, entre tantas outras), nascidas de conhecimento poderoso e sustentado, que, todavia, vêm sendo crescentemente esvaziadas de sentido por um uso retórico constante. Dispomo-nos assim a neste curto texto tentar desmontar um pouco da “ilusão colaborativa”, contrariar a simplificação da colaboração quando instituída em mito e, principalmente, argumentar em favor da sua relevância para o reforço da qualidade do desempenho profissional dos professores.

Considero há muito tempo indispensável refletir sobre este plano inclinado em que fazemos repetidamente resvalar conceitos cientificamente consistentes para um uso descaracterizador e redutor, tornado ficcional porque se fecha na magia da palavra, ou no que Bachelard designava como o *obstáculo verbal* (BACHELARD, 1996), um dos impedimentos epistemológicos ao verdadeiro conhecimento. Com surpresa, não identifico uma preocupação geral com este fenómeno, parecendo que os produtores de discurso, decisões e de práticas se reconfortam entre si por repetidamente apoiarem as ideias tidas por boas.

A bem da construção de algum conhecimento no tema, apontarei neste comentário apenas algumas ideias - chave para reflexão:

1. Nos anos de 2006 e 2007 já tive o prazer de escrever dois textos, um de opinião, outro de fundamentação científica, para a então muito produtiva Revista NOESIS, (ROLDÃO, 2006; 2007) que dedicou, no segundo número citado, um dossier ao tema. Prova isto que o conceito vem sendo largamente trabalhado e convocado nas últimas décadas. Estudos sobre a sua aplicação também existem, mas indiciam numerosas limitações da sua ancoragem no quotidiano da ação docente, marcado por lógicas individuais (legítimas) de trabalho. Ou seja, vimos falando mais do que fazendo, sem prejuízo de práticas existentes.
2. Existe um risco de uso apenas discursivo e de partilhada crença na bondade do princípio subjacentes ao conceito de *trabalho colaborativo*. O primeiro indicador desse risco é a facilidade de gerar concordância generalizada. Quem conhece alguém que discorde da vantagem da colaboração?...ou que não afirme praticá-la o mais possível? O que será certamente verdade, desse ponto de vista da atitude e do princípio.
3. Mas não é disso que se trata. A tranquila concordância leva a sobrepor a colaboração como atitude e princípio benévolo à colaboração como matriz de trabalho. Acresce sublinhar que a escola como organização está ainda feita para

o seu modelo original, suportado por lógicas de trabalho individual. E virada para uma seleção de alguns não para a competencialização máxima possível de todos.

4. Vale a pena perguntar se trabalho colaborativo deve substituir o individual e porquê. Na minha perspetiva, não é esse o caso. O que está em causa na organização do ensino e da aprendizagem é a procura de maior eficácia para todos, que a escola herdada de outro tempo não preconizava no passado. Essa eficácia requer uma nova equação que articule em equipas de ação o trabalho individual e o trabalho realizado em conjunto para ampliar o resultado produzido nos aprendentes- o conhecimento.
5. Assim, a organização do trabalho de ensinar precisa de maximizar o bom resultado do trabalho de aprender, o que não tem sido o caso, apesar de muitos progressos que não se ignoram.
6. Daí resulta a necessidade de reformular os “modos de trabalho”, convertendo a soma imensa de trabalhos individuais numa outra organização de trabalho: ação planeada, desenvolvida e avaliada por equipas de ensino ou pedagógicas, coletivamente envolvidas com um grupo comum de alunos. Em que a “minha” ou “a tua” disciplina são os instrumentos de um trabalho conjunto e intencionalizado pelas finalidades curriculares, sempre ditas e tantas vezes esquecidas.
7. Equipas boas requerem excelentes especialistas. O que é novo é que passem desejavelmente a conceber e planear integradamente as suas áreas curriculares em roteiros, planos ou qualquer outro formato integrador de trabalho comum, partilhados e discutidos, face aos objetivos que todos deverão alcançar no nível máximo que lhes for possível
8. A novidade é que este trabalho colaborativo não pode ficar nos bastidores, ou seja, no planeamento. Trata-se de ensinar em conjunto no palco da interação com os alunos e entre professores. Impossível? Não parece, veja-se exemplos, como os ensaiados no sistema educativo finlandês e no subsistema de algumas escolas jesuítas na Catalunha, e também alguns entre nós, em curso, com que tenho trabalhado em proximidade.
9. Difícil? Sim, mas construtor de facilitação e maior sucesso dos alunos. Requer sobretudo , capacidade de (re)organização, liderança esclarecida e partilhada e...trabalho colaborativo...

ROLDAO, M.C. (2006). Trabalho colaborativo - o que fazemos e o que não fazemos nas escolas? *Revista NOESIS, julho-setembro 2006.*

ROLDAO, M.C. (2007). Colaborar é preciso - Questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores, *Revista NOESIS, dezembro 2007*

BACHELARD, Gaston (1996, 1.ª publ. 1936 1938). *A formação do espírito científico*. Contraponto Editora Lda.